

# INFORME ECONÔMICO

■ GUILHERME BARROS

## A opção FMI

O Brasil poderá ter que recorrer a um empréstimo *stand by* junto ao FMI? Essa pergunta circulou ontem fortemente entre os operadores de grandes bancos de investimento de Wall Street como uma das saídas do país para defender o Real dos ataques especulativos que vem sofrendo. O governo não vê este assunto com bons olhos, apesar de ter recebido algumas sugestões por parte desses grandes bancos americanos e mesmo de outros organismos multilaterais. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, não levou a sério boatos nesse sentido.

De qualquer forma seria, talvez, interessante ao governo começar a desmistificar um pouco a imagem do FMI. Em artigo publicado ontem no boletim *Tendências*, o ex-ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega afirma que "um acordo com o FMI pode vir a tornar-se uma alternativa para reforçar o arsenal de defesa do Plano Real. Seria bom que o governo começasse a montar uma desculpa". E faz a seguinte pergunta: "Se a necessidade chegar, por que não jogar fora pruridos bestas e ir ao Fundo?"

A pergunta de Maílson não deixa de ser pertinente. Ontem, mais uma vez o mercado ficou bastante nervoso. As bolsas do Brasil voltaram a despencar e os Bradies brasileiros desabaram. Os mercados futuros de juros e câmbio não se alteraram muito, o que não tranqüiliza em nada a situação. Nem o anúncio da entrada de mais cinco bancos estrangeiros conseguiu acalmar a situação. O que parece é que, apesar do duro pacote fiscal, os ataques especulativos ao Brasil continuam. O alvo, no entanto, parece que é a bolsa. E seria esta a razão de o mercado de ações no país estar caindo mais do que no resto do mundo. Os famosos fundos alavancados que comandaram os ataques no Sudeste Asiático estão todos operando aqui. Muitos economistas e grandes investidores começam a considerar o Fundo uma alternativa nada desprezível. Até porque a maior ameaça do Fundo seria o arrocho fiscal que o Brasil teria que se submeter. O pacote já fez esse trabalho.

O secretário executivo do Ministério da Fazenda, Pedro Parente, atribui esse nervosismo no mercado a uma certa incompreensão no país da necessidade das medidas. Ele acha que essa incompreensão talvez seja fruto da desinformação da gravidade do quadro externo. O pacote fiscal, na opinião de Pedro Parente, tem que ser visto sob a ótica de uma crise de dimensão mundial, e não num contexto que antecede a crise. A queda nas bolsas, de acordo com o secretário executivo da Fazenda, já era prevista. "Não vamos ficar imunes ao processo de redução de ativos", diz ele.

Pedro Parente afasta qualquer problema no sistema financeiro do país. "O ajuste já foi feito", afirmou. Ele lembrou as vendas do Bamerindus, um banco de um amigo do presidente Fernando Henrique Cardoso, e do Nacional, que pertencia à família da noiva de FH, entre outras decisões para ajustar o setor.

Sobre a hipótese de uma desvalorização cambial, Pedro Parente diz que o prejuízo dessa saída é tão grande que não pode se permitir correr esse risco a menos que se esteja absolutamente convencido de que seja necessário. "É como ganhar a loteria pelo sentido inverso", afirmou. A seu ver, a política cambial adotada hoje é suficientemente flexível, e o Real já está sendo desvalorizado de forma razoável.